

**JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA**

# **A CIDADE**

**OS CANTOS E OS ANTROS**

**CAMPINAS**  
1850-1900

1ª Reimpressão

**edusp**

**EDITOR A**  
**UNICAMP**

# Sumário

Introdução	11
Agradecimentos	13
1. A Chegada da Modernidade	17
2. Um Passeio pelo Perímetro	39
3. A Força Rejeitada	65
4. As Visitas do Imperador	85
5. Os Sobrados dos Barões	103
6. As Duas Cidades	123
7. Cultura & Lazer	141
8. Os Colégios e a Imprensa	163
9. Higiene & Saúde Pública	183
10. A Dor e seus Portadores	217
11. A Ronda das Epidemias	243
12. A Febre Amarela	259

13. Comércio & Mercados	275
14. De Chafarizes e Águas	295
15. A Mudança dos Mortos	309

Fontes e Bibliografia 337

Bibliografia da História de Campinas 353

.

# Introdução

Como todo livro, este também tem uma história, que foi gerada a partir de um projeto no qual não estava, entretanto, absolutamente prevista sua concepção!

Propúnhamo-nos estudar a prática da escravidão por parte das classes populares num determinado espaço social e histórico: a cidade de Campinas de 1850 a 1900.

Cumprido já um terço do roteiro previsto para esse projeto, no qual estudamos temas como o mercado urbano de escravos, o cotidiano dos escravos na cidade, a leitura do seu corpo, simplesmente nos demos conta de que havia uma grande ausente naquele projeto de pesquisa: a cidade. A cidade em si, palco e personagem, produto e produtor, origem e resultado.

Introduzimo-la de imediato, para o que deveria ser um capítulo do referido projeto, sob as bênçãos do CNPq, órgão financiador do projeto original. Foi daí que aconteceu que a cidade nos empolgou, envolvendo-nos, não nos dando mais paz, cresceu como objeto de estudo, dialogou conosco, contou-nos segredos, revelou-se em seus espaços malditos, mas também naqueles encantados, mágicos até.

De um capítulo virou outro projeto, este distribuído em nada menos que 15 capítulos. Isto aconteceu exatamente de 1990 a 1993. É claro que sempre unguido pelo CNPq, que autorizou tais substantivas mudanças, desde que naturalmente respaldadas numa proposta científica que convenceu seus integrantes e assessores, cujos critérios severos são reconhecidos pela comunidade científica de todo o país.

O resultado final, que entretanto terá outros desdobramentos, é este livro que procura

surpreender a cidade no momento em que ela recebe o primeiro sopro de modernidade, que se iniciou timidamente na virada da metade do século (1850), quando Campinas, vinda de uma ordem social colonial escravista, ingressa numa ordem social senhorial, também escravista, até que, na década de 70 do século XIX, acelerará o processo de sua modernização, marcando nova mudança para uma ordem social capitalista e burguesa.

Essa passagem, que se fará de maneira mais substantiva, coloca então em confronto duas Campinas, uma cidade que corresponde aos valores e comportamentos da ordem senhorial cedendo lugar à racionalidade burguesa. Nesse jogo, à segunda a primeira se mostra não de todo inconveniente, mas em todo caso comprometedora em várias de suas aparências, componentes e agentes sociais. Dado o alto custo social de uma reciclagem completa, a cidade de aspirações burguesas não vê outra estratégia senão procurar invisibilizar a cidade senhorial naquilo que ela tinha de indesejável.

É preciso fazer desaparecer tudo, ou quase tudo, que não devia ser visto. Em lugar da cidade de taipa, despudorada e malcheirosa, aspirava-se a cidade de tijolos, bem-comportada e higiênica. Não há hesitações entre simplesmente camuflar o artefato comprometedor e a sua gente molambenta e até, se for o caso, demolir e expulsar do convívio urbano os que não se adaptarem àqueles novos tempos. Sejam edifícios ou espaços. Pessoas vivas ou mortas, pouco importa.

E foi assim que procuramos surpreender os momentos desse movimento seqüencial em que se processa a transfiguração da cidade. Acompanhamos personagens e atores, nomeados uns tantos, anônimos muitos, uma multidão na verdade. Uns e outros representam seus papéis num espaço, este, sim, o protagonista principal de nossa aventura, a cidade, a cidade de Campinas.

Nas páginas que se seguem, é ela quem emerge, pulsa, metamorfoseia-se, sofre, goza em alcance maior do que os seus moradores e forasteiros.

Para atravessar a transição que se lhe impõe, convoca e se submete, mas e também resiste e repele as vontades dos seus moradores.

Quanto a estes, na verdade, o que aparece, como dissemos, são muitos atores e poucos personagens, pelo menos classificados, identificados, seguidos. Quando muito, aqui um arquiteto destinado a grandes cometimentos, acolá um jornalista-sineiro, bom conhecedor da cidade e de sua gente. Não muito mais do que isso.

O leitor concluirá então conosco que o propósito foi esse mesmo, o de mostrar que, no período estudado, Campinas assume ser produtora e produto dos que a elegeram para nela e dela viverem. Um produto cultural, bem entendido, que se amolda e modela no diálogo e na ação que trava com os que nela se agitam. Há fantasmas que se esgueiram pelos seus espaços malditos, fidalgos que posam para retratistas-pintores, pequenas órfãs choramingando pelos corredores do seu Asilo, donzelas perfumadas agitando seus leques nos “assustados”, ou ainda leprosos ateando fogo nas sebes do *depósito* no qual viviam e por entre eles, barulhentos ou silenciosos, escravos, muitos escravos.

Sobre e sob todos adeja aquela cidade, a sua cidade.

E é nela que convidamos o leitor a adentrar. Em sua memória, construída por homens vindos de terras estranhas, escravos muitos, livres outros tantos, mas gregários e agremiados, capazes assim de pensar, sentir e agir sobre espaços, vedações e aberturas, com o propósito resoluto de com eles produzir uma princesa, a *Princesa do Oeste*, metáfora maior com que trabalharão no imaginário e na concretude. O seu resultado é uma interação produzida por sentidos e sentimentos.